

GEOVANNA ARGENTA DE BASTOS RESENDE

MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS:  
A DIVULGAÇÃO DA PRIMAVERA ÁRABE EM SITES DE NOTÍCIA  
BRASILEIROS

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
ORIENTADOR: PROFESSOR DR. PIO PENNA

Brasília  
2012

“[...] mesmo que intuitivamente qualquer leigo perceba a interferência da mídia no seu cotidiano, para tê-la como objeto das relações internacionais será preciso ultrapassar as barreiras que a própria disciplina construiu ao longo da sua trajetória, denominando-se ontologicamente racionalista e epistemologicamente positivista” (Smith *apud* Marinucci. 2008:10).

## RESUMO

No atual cenário mundial, é inegável a percepção do poder crescente da mídia em todas as esferas sociais e políticas, incluindo o âmbito internacional. As mudanças advindas das novas tecnologias acentuaram ainda mais o papel da mídia como influenciadora de acontecimentos, além de se mostrarem catalisadoras de importantes processos político-sociais como os que ocorreram a partir de dezembro de 2010 no Oriente Médio e no Norte da África, conhecidos como Primavera Árabe. Ao assumir a mídia como um ator internacional, esse estudo aborda a interação entre a imprensa e as relações internacionais, e busca analisar a forma com que os conflitos no Oriente Médio e no Norte da África foram divulgados em três grandes sites de notícia brasileiros.

**Palavras-chave:** novos atores internacionais, mídia, relações internacionais, Primavera Árabe.

## ABSTRACT

In the current global worldview, the rising Power of the media is an undeniable event perceived by all social and politic spheres, including the international scenerie. The transformations brought forth by the new Technologies increased the role of the media as a change-inducer, even catalytic to important processes such as the Arab Spring, that started december 2010 at Middle East. Considering the media as a *bona fide* global player, this paper intends to evaluate the press-international relationships interaction, and tries to analyze the way the Middle East conflicts were portrayed in three major brazilian news sites.

**Keywords:** new global players, media, international relations, Arab Spring.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. A MÍDIA COMO UM NOVO ATOR INTERNACIONAL .....</b>	<b>7</b>
<b>3. SÍNTESE DO CONTEXTO QUE DESENCADEOU OS CONFLITOS DA PRIMAVERA ÁRABE.....</b>	<b>14</b>
<b>4. A MÍDIA COMO CATALISADORA DOS CONFLITOS DA PRIMAVERA ÁRABE.....</b>	<b>18</b>
<b>5. A PRIMAVERA ÁRABE SOB AS LENTES DA IMPRENSA BRASILEIRA.....</b>	<b>22</b>
<b>14 de janeiro de 2011 – Ben Ali é deposto do governo tunisiano.....</b>	<b>23</b>
<b>20 de outubro de 2011 –Khadafi é assassinado por rebeldes líbios.....</b>	<b>26</b>
<b>27 de março de 2012 – Situação atual da Síria.....</b>	<b>27</b>
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>7. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A forte influência positivista nas relações internacionais ainda permite que a maioria das decisões de política externa fique a cargo apenas dos Estados, realidade esta que vem apresentando mudanças, devido à proliferação de outros atores importantes no cenário internacional.

Diversas forças, que não possuem a soberania dos Estados, têm influenciado a engrenagem do sistema internacional, sejam elas de cunho econômico, político ou social. Dentre elas, esse trabalho busca destacar a função da mídia, que tem atuado não apenas como divulgadora dos fatos que ocorrem ao redor do mundo, como também tem o poder de influenciar decisões referentes à política externa.

Isso se justifica principalmente pelo maior acesso a informação, o que permite o aumento na atuação política dos cidadãos em todo mundo. Um exemplo recente são os conflitos desencadeados no Oriente Médio e no Norte da África a partir de dezembro de 2010, que teve a mídia, especialmente a aliada às novas tecnologias, como catalisadora das manifestações públicas que surgiram em vários países da região.

Por esse motivo, a proposta do presente trabalho se mostra pertinente tanto no sentido de contribuir para os estudos sobre a mídia como um novo ator internacional, no sentido do seu reconhecimento, e suas interações com esse meio, como para ser uma amostra de como os portais de notícias brasileiros abordaram importantes acontecimentos da Primavera Árabe.

Para o desenvolvimento desse estudo, foi resgatado o conceito de ator internacional e a emergência de novos agentes nesse cenário, que questionaram o modelo estruturado de Vestfália. O foco dos novos atores foi a mídia, que nesse estudo está sendo utilizada principalmente como referência aos meios de comunicação de massa.

Como forma de introduzir sobre a importância midiática nas relações internacionais, tem-se como referencial principal Manuel Castells, que contribuiu com a sua visão sobre a intervenção das novas tecnologias, especialmente a internet, nas sociedades em todo o mundo.

Também foi apresentada a taxonomia de Gilboa, que classifica em diferentes níveis de influência o papel que a mídia pode ter no cenário internacional, funções essas que vão desde ator instrumental, que participaria das decisões em acordos e negociações

internacionais, até ator dominador, que, segundo ator, assumiria o papel dos tomadores de decisão.

Após a síntese da interação entre mídia e relações internacionais, buscou-se contextualizar, de forma abreviada, as causas que levaram os países norte africanos a se revoltarem contra seus governantes. Com isso, houve uma abertura para expor e analisar como sites de notícia brasileiros abordaram fatos importantes desse conflito.

A produção desse estudo utilizou-se da técnica de pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, que tratam sobre os temas relacionados nesse trabalho, especialmente sobre os novos atores internacionais, a interação entre mídia e relações internacionais e a Primavera Árabe.

A utilização da pesquisa documental fez-se necessária para analisar, por meio de documentos criados pela mídia, a forma com que a mesma divulgou as informações relacionadas à Primavera Árabe.

A terceira parte agregou a análise documental e bibliográfica, através do método de análise de conteúdo, que buscou descrever e avaliar a forma com que três grandes portais de notícia brasileiros (Estadao.com, Folha.com e Globo.com) veicularam os conflitos iniciados em dezembro de 2010 na Tunísia.

Devido à quantidade de informação nos sites citados, selecionou-se três eventos importantes que foram maciçamente divulgados pela imprensa internacional, quais sejam: a deposição do ex-presidente da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali; a morte do ditador líbio Muamar al- Khadafi e a atual situação dos conflitos na Síria, onde já morreram milhares de manifestantes.

Por fim, foram elaboradas observações sobre a forma com que os sites analisados abordaram as notícias selecionadas e buscou-se fazer uma análise das fontes utilizadas nas mesmas, além de apontar a necessidade de melhoria na divulgação de matérias de cunho internacional nos veículos de comunicação observados.

## 2. A MÍDIA COMO UM NOVO ATOR INTERNACIONAL

O campo das relações internacionais ainda possui um histórico recente de estudos acadêmicos, considerando que o aumento do interesse em teorizar a disciplina surgiu especialmente após a Primeira Guerra Mundial, como forma de tentar evitar um novo conflito global.

Em cerca de cem anos de estudos acadêmicos, grande parte das concepções adotadas pelos estudiosos da área é baseada em uma visão racionalista, na qual, sucintamente, o Estado é ator principal das relações internacionais, quando não se configura o único ator aceitável.

Entretanto, o século XX resguardou mudanças profundas, especialmente referente a forma de se comunicar, que refletiram em todas as esferas da sociedade e demandaram uma nova visão nos conceitos das ciências sociais.

No âmbito das relações internacionais, Marques (2008) explica que:

O modelo de Vestfália, baseado no sistema de Estados soberanos preocupados tão somente com questões de segurança internacional, enfraqueceu e em seu lugar surgiu um emaranhado de relações muito mais complexas. Neste contexto, o Estado deixou de ser o único ator internacional e passou a dividir o palco das relações internacionais com outros atores.

Com isso, a participação das entidades não estatais na política mundial passou a desafiar as abordagens tradicionais das relações internacionais, que admitiam apenas os Estados como unidades relevantes do sistema internacional (OLIVEIRA, 2010).

Entre essas entidades não estatais, podemos destacar o papel dos veículos de comunicação na divulgação dos acontecimentos internacionais. Para Oliveira (2010: 35), com “o crescimento da interdependência e da comunicação entre as sociedades, foi estabelecida uma grande variedade de novas estruturas organizacionais, operando numa base regional e global”, que iniciou-se especialmente a partir dos anos 1970.

A rapidez e alcance proporcionados pelas novas tecnologias da informação modificaram sobremaneira a forma de atuação das diversas áreas de estudo, incluindo o contexto internacional.

Em meados dos anos 1980, Wendzel (*apud* Marinucci, 2008: 45) já afirmava que durante “o século XX, a revolução na comunicação exerceu grande influência na conduta das relações internacionais”.

Antes de discorrer sobre a emergência da mídia no cenário internacional, é importante evidenciar o conceito adotado de “ator internacional”. Para Papisca (1973: 154), os atores internacionais “contribuem com sua capacidade de influir de modo direto e, eficazmente, sobre o comportamento dos sistemas políticos nacionais”.

Oliveira (2010) acrescenta que ator internacional é “todo ‘aquele que participa das relações internacionais e da dimensão dinâmica da sociedade internacional’”.

Portanto, a partir das definições acima citadas e da constatação já mencionada de que os veículos de comunicação têm um papel importante na propagação dos acontecimentos internacionais e podem influenciar em decisões de política externa, este estudo não apenas considera a mídia como um ator internacional, como também pretende estudar a relação entre essas áreas.

Para Marinucci (2008), a interação entre mídia e relações internacionais tem uma base construtivista. “As aplicações da teoria dos Estados ampliados de Gramsci, destacando o papel da sociedade civil e de seus aparelhos privados de hegemonia – dentre eles o material da cultura – abrem espaço para os estudos de mídia em relações internacionais” (MARINUCCI, 2008: 47).

A partir dessa constatação é preciso destacar que esse estudo pretende ir além do estudo das mídias tradicionais e inclui a participação das novas mídias no cenário internacional, pois, segundo Manovich (s/d, p. 43) a revolução digital “affects all stages of communication, including acquisition, manipulating, storage and distribution; it also affects all types of media -- text, still images, moving images, sound, and spatial constructions”.

Dessa forma, admitem-se como “novas mídias” os canais de comunicação que usam meios digitais e agregam em uma só plataforma recursos audiovisuais e textuais, divulgando informações para um número ilimitado de pessoas em tempo real.

Entretanto, apesar da crescente influência dos meios de comunicação em todas as interfaces da sociedade, seja por veículos impressos, audiovisuais e, mais recentemente, digitais, os estudos midiáticos ainda são um tema considerado periférico pela maior parte dos estudiosos internacionalistas.



Marinucci (2008: 45) acredita que “o ainda forte positivismo metodológico talvez seja uma explicação razoável para entender a dificuldade em se trabalhar com temas ‘pouco convencionais’, como o papel da mídia no cotidiano dos países e na política internacional”.

Seja por influência positivista ou por inúmeros outros fatores que podem ser levantados para tentar explicar a marginalização de um tema tão relevante para a área, o fato é que as informações absorvidas através dos veículos de comunicação influenciam diretamente na realidade vivida pela sociedade.

Nas palavras de Postman (*apud* Castells, 2009: 414), “nós não vemos... a realidade... como ‘ela’ é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura”.

Segundo essa constatação, a cultura, as crenças e os códigos são influenciados pelos meios de comunicação, que foram e continuam sendo profundamente afetados pela sociedade tecnológica em que vivemos (CASTELLS, 2009: 414). Para Castells (2009), a ascensão dos novos meios de comunicação mudou e continuará transformando profundamente sociedades e culturas em todo o mundo.

O autor metaforiza essas transformações sociais, como “um sistema de *feedbacks* entre espelhos deformadores: a mídia é a expressão de nossa cultura, e nossa cultura funciona principalmente por intermédio dos materiais propiciados pela mídia” (CASTELLS, 2009, p.422).

O autor dedica especialmente seus estudos à internet, pela impressionante velocidade da adesão do público em todo o mundo:

A Internet tem tido um índice de penetração mais veloz do que qualquer outro meio de comunicação na história: Nos Estados Unidos, o rádio levou trinta anos para chegar a sessenta milhões de pessoas; a TV alcançou esse nível de difusão em 15 anos; a Internet o fez em apenas três anos após a criação da teia mundial. (Castells, 2009, p. 439)

Em sua obra “Sociedade em Rede”, ele também afirma que além das mudanças domésticas, atualmente as demandas sociais atravessam fronteiras e levantam bandeiras únicas no mundo inteiro. O autor pontua que:

Na arena internacional, novos movimentos transnacionais, que surgem para defender as causas femininas, o direitos humanos, a preservação ambiental e a democracia política, estão fazendo da internet uma ferramenta essencial para disseminar informações, organizar e mobilizar. (Castells, 2009, p. 448)

Para completar a constatação dessa proliferação de novos atores no cenário internacional, David Rothkof (*apud* Franco, 2011: 14) pontua que acabou o tempo em que os diplomatas “eram os únicos interlocutores na comunicação entre os Estados. Agora, precisam interagir entre si, mas também com cidadãos num fluxo de informações que percorre o mundo 24 horas por dia, sem interrupções”.

A partir desse contexto, é preciso considerar que, embora ainda careça de estudos mais sólidos, o questionamento sobre a mídia ser um ator internacional não é recente. Franco (2011) destaca que no final da década de 1960, antes da revolução tecnológica que modificou fortemente a forma de se comunicar e instituiu a Era da Informação, Bernard Cohen já possuía estudos que buscavam compreender o papel da imprensa nas tomadas de decisão no contexto internacional.

Franco destaca que os estudos de Cohen sintetizados no artigo “*The press and foreign policy*” se preocupavam com a demanda das sociedades democráticas por informação, em uma época em que a rádio e a TV se consolidavam.

Mais de 40 anos após suas primeiras observações, e com o advento da internet, que intensifica e facilita essa busca informativa, essa preocupação se torna ainda mais pertinente. Cohen (*apud* Franco, 2011: 19) resume sua constatação da seguinte forma:

[...] because information is power, one can expect than others in a democratic system will demand access to it. And since foreign policy officials in a democratic society also need the power that comes public acquiescence in and support of choices they make, they may be expected to have an interest in finding new and viable ways to accommodate themselves to those demands. (COHEN, 1969).

Essa preocupação em agradar a população em sociedades democráticas tem ampliado o interesse pelas forças que influenciam a opinião pública. Hudson (*apud* Camargo, 2007) destaca o aumento nos estudos que envolvem mídia e relações internacionais, e considera que os meios de comunicação de massa são atores sociais que precisam ser levados em conta.

O aumento de interesse pela interação entre mídia e relações internacionais pode ser creditado em parte à teoria do “CNN effect”, que, segundo Gilboa (2002) “claims that in international crisis situation global television has become the dominating actor in the conduct of foreign policy, replacing elected and appointed policy makers”. Camargo (2008) completa que, segundo a teoria:

[...] os meios de comunicação, principalmente a televisão, se tornaram atores dominantes na formulação de políticas relacionadas à defesa e a crises humanitárias. A Guerra do Golfo, em 1991, a intervenção na Somália (1994), no Kosovo (1999) e em Ruanda (1994), seriam os exemplos que demonstram a influência das imagens televisivas nas opções políticas (CAMARGO 2008, p. 42).

A autora (2007) explica que a influência da mídia sobre a população é levada em conta por muitos governantes de países democráticos, por ser capaz de atrair a atenção da opinião pública para um determinado assunto da política externa e influenciar a maneira pela qual as pessoas pensam sobre determinado assunto. Para Camargo (2007: 6), “isso afetaria os tomadores de decisão que, preocupados com os votos, precisariam tomar iniciativas a curto prazo para responder aos anseios da população”.

Hudson (*apud* Camargo, 2007) também deixa claro que os meios de comunicação de massa influenciam em decisões estratégicas de política externa quando afirma que:

There has been an increasing effort to combine theoretical perspectives on international communication and the role of the news media in foreign policy decision-making. This involves both policy effects from the mediates flow of information between foreign policy actors and the way that the media influences the domestic politic context of foreign policy decision making.

Após a constatação do crescente papel da mídia nas decisões de política externa, é importante destacar que isso acontece em diferentes níveis, os quais Gilboa (2002) tentou organizar através de uma taxonomia de atores e conceitos.

Segundo o autor, a mídia pode influenciar de quatro formas: como ator controlador, constrangedor, interventor ou, por fim, ator instrumental. A pesquisadora brasileira, Julia Camargo, ainda propôs um quinto nível de influência: ator conflituoso.

A tabela abaixo resume as definições e contexto de cada nível de influência:

**TABELA 1 – Taxonomia dos status da mídia, suas atividades, contexto e conceitos**

NÍVEL DE INFLUÊNCIA	ATIVIDADE	CONTEXTO	CONCEITO
<b>Ator controlador</b>	Ocupa o lugar dos tomadores de decisão, substituindo-os	Intervenções humanitárias e armadas	Teoria do Efeito CNN
<b>Ator constrangedor</b>	Constrange a tomada de decisão e condiciona as políticas	Processo de tomada de decisão	<i>Real-time policy</i>
<b>Ator interventor</b>	Promove a intermediação política internacional (serve de arena)	Mediação internacional	Crises políticas
<b>Ator instrumental</b>	Promove negociações e acordos	Gestão e resolução de conflitos	Diplomacia midiática
<b>Ator conflituoso<sup>1</sup></b>	Provoca conflitos	Situações de crise	Conflitos midiáticos

Fonte: Tabela elaborada pela autora utilizando dados encontrados na monografia “Mídia e Relações Internacionais: Suas Interações na Era da Informação”, de Simone Almeida Franco.

Seja de forma mais branda, como no nível de negociação ou no nível mais agressivo, no qual Gilboa sugere que a mídia assume um papel dominador e chega a substituir o poder governamental, o fato é que, como já foi explanado, os meios de comunicação são importantes agentes no cenário internacional, e têm tido cada vez mais importância nos acontecimentos da política externa.

---

<sup>1</sup> Categoria proposta por Julia Faria Camargo. Cf. CAMARGO, Julia Faria. *Mídia e relações internacionais: lições da invasão do Iraque em 2003*. Curitiba: Juruá. 2009. P. 44.

Em muitos casos, tem sido até mesmo o catalisador de grandes mudanças político-sociais, como as que têm acontecido desde o final de 2010 no Norte da África e no Oriente Médio, e que serão apresentadas no próximo tópico.

### **3. SÍNTESE DO CONTEXTO QUE DESENCADEOU OS CONFLITOS DA PRIMAVERA ÁRABE**

Desde início de 2011 o Norte da África e o Oriente Médio tem sido manchetes dos jornais de todo o mundo. Diferente dos conflitos israelo-árabe e da intervenção americana no Iraque, que comumente estão nos meios de comunicação, a região passou a ser foco do mundo inteiro pelas revoluções populares que ficaram conhecidas como “Primavera Árabe”.

A primeira particularidade desse conflito, é que, segundo Carvalho (2011), “todos los países de Oriente Medio tuvieron algún tipo de protesta popular, tanto las repúblicas como las monarquias”, ainda que as manifestações tenham se iniciado e sido mais incisivas nas repúblicas.

Antes dessas revoltas, era comum no meio acadêmico a afirmação de que no mundo árabe não havia nada semelhante à democracia ou democratização e que o grande questionamento dos acadêmicos era o motivo pelo qual esses países não se rendiam a esse sistema de governo (Albrecht/Schlumberger, 2004).

Entretanto, para elucidar os motivos que estão por trás dessas insurgências é preciso ter em mente que, diferente da imagem que se tem dos países do Norte da África e do Oriente Médio, essas regiões são extremamente heterogênea, nas quais cada país tem sua cultura e peculiaridade próprias, da mesma forma que esses conflitos que ainda acontecem na região não têm um motivo comum em todos os países, apesar de apresentar algumas motivações semelhantes.

E essas semelhanças não eram nenhuma novidade para o mundo que quase sempre assistiu inerte aos conflitos do Norte da África. Vários relatórios do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) já enfatizavam que “mais da metade do Mundo Árabe tem menos de 25 anos, a maioria tem pouca perspectiva de emprego e pouca participação na vida política, dominada por elites corruptas” (PUDDEPHATT, 2011).

O autor acredita que as revoluções foram motivadas pela pobreza e pela ausência de qualquer real perspectiva de mudança, e completa que “não foram os islâmicos, os comunistas, os nasseristas ou qualquer outro bloco organizado que liderou os protestos.

A revolução na Tunísia foi uma revolução de pessoas comuns, e não um golpe da elite política” (PUDDEPHATT, 2011).

É válido destacar que, como já foi pontuado, essa revolução popular foi desencadeada principalmente pela situação econômica e política presente por décadas nesses países. Para Carvalho (2011):

En resumen, las manifestaciones fueron primariamente organizadas por jóvenes; tienen en común un gatillo emocional que las convirtió en fenómenos de masas; la difícil situación económica y la represión política, y los preparativos por parte de los dictadores para transferir el poder a sus parientes, en la mayoría de los casos, uno de los hijos. Las diferencias entre ellas son muchas y tal examen necesitaría un análisis cuidadoso e individual de cada país.

Fica claro que, apesar das peculiaridades de cada país, a região sofria por problemas comuns e há muito tempo lutava pela ampliação de seus direitos civis e políticos, mas que só agora obtiveram os primeiros resultados, especialmente após a queda do ditador tunisiano Zine Abidine Ben Ali, em 14 de janeiro, depois de vinte e quatro anos no poder.

Como muitos regimes da região, o governo tinha visíveis problemas de corrupção, e comumente utilizava a repressão e a tortura para tratar a população. Em razão disso:

As manifestações contaram com apoio de todos, desde o empresariado a trabalhadores, intelectuais, organizações laicas e islamistas. A confluência de tendências diversas tem um objetivo diante de um projeto político unificado: acabar com regimes incapazes de responder aos desafios da globalização e o desenvolvimento nacional. Isso explica a elevada participação de jovens e o caráter acéfalo do movimento de protesto” (SOHR, 2011).

Além de buscarem seus direitos políticos, a participação maciça de jovens também é explicada pela situação econômica desses países. A falta de emprego para uma relevante parcela dos jovens não só era um problema profissional, como também em alguns casos impedia que eles constituíssem família. De acordo com Carvalho (2011):

La severidad de la situación económica significaba también que la falta de oportunidades de trabajo afectaban el acceso al matrimonio, como en el caso en Egipto. En este país, por ejemplo, es necesario que un hombre haga una prueba de que posee una propiedad en la cual vivir con su familia antes de poder casarse legalmente.

Entretanto, além das questões comuns que motivaram as pessoas a se revoltarem, é necessário destacar que “la composición política, demográfica y religiosa de los grupos que ocupaban las calles, el papel del ejército, la predominancia o no de cuestiones étnicas y religiosas en las protestas, diferencian cada movimiento” (CARVALHO, 2011).

Em cada país as pessoas tiveram motivações próprias para iniciar as revoltas em seu território. No caso da Tunísia, o berço dos conflitos, o que desencadeou a revolta popular foi a morte de um jovem, Mohamed Bouazizi, que ateou fogo em si mesmo como um protesto que traduzia a frustração sentida pela maior parte da juventude tunisiana, que tinha pouca ou nenhuma perspectiva de emprego.

Ao invés de sua morte se tornar mais um incidente esquecido, fez com que um dos regimes mais estáveis da região caísse em poucas semanas.

Dessa forma, seja por acontecimentos pontuais ou por influência das revoltas que já estavam acontecendo nos vizinhos, quase todos os países do Oriente Médio foram palco, em maior ou menor escala, de algum tipo de protesto durante 2011.

As instituições, especialmente o exército, também se mostraram de fundamental importância para a definição do futuro da região. No caso do Egito, “as determinações do regime caíram quando o exército, uma das forças mais dominantes do Egito, se recusou a reprimir os manifestantes” (PUDDEPHATT, 2011), por perceber que estava perdendo credibilidade e que seria mais vantajoso deixar de apoiar Mubarak.

Apesar das revoltas terem sido quase generalizadas na região, um fato que chama atenção é que todos os governos que caíram eram repúblicas e que as monarquias, pelo menos por enquanto, estão com os poderes resguardados, apesar de também terem sido palco de protestos.

Iniciados nas repúblicas da Tunísia, Egito, Argélia e Iêmen, onde ocorreram os protestos mais violentos, foram depois estendidos para as monarquias - Jordânia, Bahrein, Kuwait, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos (EAU), mas em menor escala.

Esse contexto pode ser explicado principalmente por três vertentes. A primeira é que os presidentes estavam há décadas no poder (no caso da Líbia, Kadhafi estava no comando do país desde 1968) tinham a intenção de tornar seus países monarquias por



estarem preparando os filhos (no caso da Tunísia especula-se que seria a esposa de Bem Ali), para assumirem o poder.

Outra explicação para que as monarquias se mantenham sem grandes problemas é o estabelecimento de pequenas reformas políticas, como a instituição de um parlamento no Kuwait, e a “barganha de governança”, na qual os reis têm dado benefícios financeiros para que a população não se revolte. Como são países muito ricos, desde que começou a Primavera Árabe, a monarquia desses Estados aumentou as aposentadorias e salários da população, para impedir revoltas em seu território.

A terceira justificativa é mais de cunho cultural: uma parcela da população dos países monárquicos acredita que seus líderes são descendentes dos profetas, representantes divinos ou guardiões das mesquitas e essa legitimidade adquirida pelos reis ajudaria a abafar a insurgência de conflitos.

Mais de um ano depois que a Primavera Árabe se iniciou, ainda há poucas conclusões sobre o fenômeno. Muitos governos mostraram uma resistência incrível e usaram ou ainda têm usado de muita violência contra os manifestantes, como na Líbia de Ben Ali e na Síria de Assad.

Os autores mais otimistas que acreditaram que a onda de manifestações percorreria todo o Oriente Médio e inundaria a região com os ventos democráticos em poucos dias, já não tem previsões concretas para o fim do conflito que já matou diversos civis.

Ainda é cedo para avaliar todos os resultados dos processos políticos e sociais iniciados no Norte da África em dezembro de 2010. É prematuro afirmar que a região está aberta para a democracia e que as populações que vivem há décadas debaixo de repressão e violência aceitarão de bom grado esse regime político ocidental. Os países que sofreram as revoltas mais intensas ainda passam por guerras civis ou lutam para se reestruturar depois de meses de conflito.

O governo de Assad se mantém no poder e, segundo o jornalista Marcelo Ninio, correspondente do jornal Folha de São Paulo no Oriente Médio, esse fato se dá especialmente por quatro motivos: resistência armada insuficiente, pilares do poder intacto (a elite política e econômica ainda apoia o ditador sírio), pressão externa da Rússia e da China, que por interesses políticos e econômicos barram a intervenção

militar estrangeira que é demandada pelos rebeldes e, por fim, o apoio interno de parte da população, que, seja por medo ou lealdade, não aderiram à revolta.

Entretanto, como o objetivo principal desse trabalho não é discutir os desfechos da Primavera Árabe, mas buscar aclarar a participação da comunicação, através dos veículos midiáticos, no desenrolar dos conflitos, será dedicado um capítulo exclusivo para tratar do assunto.

#### 4. A MÍDIA COMO CATALISADORA DOS CONFLITOS DA PRIMAVERA ÁRABE

Falar de mídia e de seus preceitos conhecidos mundialmente, que pregam liberdade de imprensa, busca pela objetividade e por ouvir os dois lados de um acontecimento, parece não encaixar no contexto de qualquer forma de ditadura.

Há décadas os meios de comunicação no Mundo Árabe estão sob controle estatal. Puddephatt (2011: 20) destaca que “até o surgimento da Al Jazeera (o canal de transmissão via satélite sediado no Qatar), praticamente não havia vozes independentes ou semi-independentes” na região.

O autor ainda afirma que, apesar dos esforços governamentais para deixar a população alienada dos acontecimentos políticos e sociais de seus países e do mundo e de contar a versão “oficial” sobre esses fatos, as pessoas têm a percepção de que estão sendo enganadas e desacreditam na maior parte das informações veiculadas pelos meios de comunicação tradicionais.

De acordo com Puddephatt (2011: 21):

Em sociedades onde os meios de comunicação são censurados e controlados, em que não apenas se contam mentiras rotineiramente, mas todos que as vêem e as ouvem sabem que são mentiras, os níveis de confiança na mídia são extremamente baixos – mesmo quando a mídia fala a verdade, a tendência é não acreditar.

Entretanto, com o advento da Era Digital, tem ficado cada vez mais difícil que os governos ditatoriais proíbam e controlem toda a informação recebida por sua população. Por mais que existam coibições de sites e controle da informação nos países que proíbem a liberdade de expressão, a internet oferece múltiplos meios para comunicar ideias e pensamentos, muitas vezes permitindo que o autor permaneça no anonimato.

Essa nova mídia que surge, já não é focada na “comunicação em massa” que foi tão difundida no século XX, especialmente com a supremacia da televisão, e não se produz mais informações limitadas para uma audiência homogênea.

Sabbah (*apud* Castells, 2009: 424) afirma que, com a internet, “devido à multiplicidade de mensagens e fontes, a própria audiência torna-se mais seletiva. A audiência visada tende a escolher suas mensagens, assim aprofundando sua segmentação, intensificando o relacionamento individual entre o emissor e o receptor”.

Castells (2009) ainda argumenta que as novas tecnologias da comunicação “enfocam a informação especializada, diversificada, tornando a audiência cada vez mais segmentada por ideologias, valores, gostos e estilos de vida”.

No caso dos conflitos desencadeados no final de 2010 na Tunísia, como a mídia tradicional não tinha crédito com a maior parte da população de onde ocorreram os conflitos, a internet e as mensagens de SMS enviadas por celulares influenciaram a população desses países a se revoltarem com a situação que já estava saturada há anos.

Puddepath (2011: 21) completa que “... o choque de receber mensagens pessoais – e a confiança atribuída a essas mensagens – tiveram um impacto profundo e mobilizador”.

É importante frisar que esse estudo defende que os meios de comunicação, especialmente a internet, não foram por si só a razão dos acontecimentos no mundo árabe a partir do final de 2010.

Como já foi explicado anteriormente, havia todo um contexto político, social e econômico pelos quais essas sociedades eram submetidas há décadas. Entretanto, apesar de acreditar que os conflitos naquela região foram desencadeados por uma série de fatores, Puddepath (2011: 20) afirma que:

O verdadeiro catalisador foi o surgimento das mídias digitais, principalmente quando combinadas pelo uso onipresente de celulares, câmeras móveis, mensagens de texto, postagem em blogs e aplicativos como o Facebook, todos eles oferecendo conteúdo obtido na mídia por satélite que, em seguida, retroalimenta o ciclo de informações no país de origem.

Como as reivindicações partiam de necessidades de uma parcela massiva da sociedade e que eram frutos de anseios populares, “trabalhadores e profissionais uniram-se em sua oposição e – significativamente – utilizaram telefones celulares, mensagens de texto, aplicações de mídia social e a internet para chamar o povo às ruas para protestar” (PUDDEPATH, 2011: 20).

Por outro lado, o autor pondera que, por mais que tenham um alcance global em uma velocidade incrível, somente as mídias sociais não produziram a “revolução árabe”, mas, além de instigar a população daquela região a participar dos conflitos, ainda foram constante fonte de informação para os veículos convencionais.

Para Puddepath (2011: 20), a combinação entre mídias digitais e tradicionais mostrou-se uma grande ferramenta contra os regimes ditatoriais, pois “as mídias digitais ofereciam uma saída para a livre expressão que as mídias tradicionais, monitoradas e controladas pelo governo, não podiam oferecer”.

Quando se afirma que o real alcance da internet e a forma com que ela tem impactado as sociedades ao redor do mundo ainda não consegue ser mensurada é justamente por exemplos como o que aconteceu na Primavera Árabe, no qual sites que foram pensados inicialmente para proporcionarem encontros sociais, tem sido moldados para fins muito mais profundos, chegando a influenciar no processo de derrubada de governos que estavam há décadas no poder.

Por sua natureza “antielitista e sem controle” (Puddepath, 2011), a internet acaba por proporcionar que novos grupos de pessoas se tornem politicamente ativos e busquem um ideal comum, como o de liberdade de expressão. Para o autor (2011: 21):

A importância dos acontecimentos no Oriente Médio iluminou o fato de que as comunicações digitais oferecem plataforma para a liberdade de expressão a nível global. Há muito tempo a liberdade de expressão é considerada um direito fundamental, importante em si mesmo e também por ajudar a defender outros direitos e liberdades. No entanto, para ser plena, a liberdade de expressão exige uma dimensão pública – um meio de comunicação – para facilitar a troca de opiniões, ideias e informações.

A partir da constatação do autor, percebe-se que, mesmo em casos que o contexto político é fechado e que se pretende limitar a liberdade de expressão, a mídia, principalmente a que está ligada às novas tecnologias digitais, se torna uma importante ferramenta de propagação de ideais.

E como o acesso às informações sobre esses acontecimentos estão disponíveis especialmente através dos meios de comunicação, é necessário analisar como o tema foi abordado no Brasil e de que forma a mídia local divulgou importantes ocorrências do conflito no Oriente Médio e Norte da África.

## 5. A PRIMAVERA ÁRABE SOB AS LENTES DA IMPRENSA BRASILEIRA

Com o objetivo de elucidar como a imprensa brasileira abordou os conflitos ocorridos desde dezembro de 2010 no Oriente Médio e Norte da África, que ficaram conhecidos como “Primavera Árabe”, esse trabalho analisou uma amostra de três periódicos online.

A mídia digital se justifica especialmente pelo que foi discutido durante esse estudo, acerca da crescente influência das novas tecnologias, em especial a internet, nas sociedades contemporâneas e pelo papel dos novos meios de comunicação no desenvolvimento desses conflitos.

Foram analisados os seguintes portais: [Globo.com](http://Globo.com), do grupo Globo, que aglomera os cinco canais da rede (G1, Economia, O Globo, Extra Online e Globo Esporte); o site [Folha.com](http://Folha.com), que é vinculado ao jornal Folha de São Paulo, periódico com a maior circulação impressa no Brasil; e, por fim, também foi levado em consideração o conteúdo veiculado pelo site [Estadao.com](http://Estadao.com), portal ligado ao jornal O Estado de São Paulo.

Devido à quantidade de informação sobre o assunto, essa análise foi dividida em duas partes. A primeira faz um diagnóstico quantitativo dos portais de notícia acima citado.

Após a explanação desses dados, o foco será na análise qualitativa de três momentos essenciais dos conflitos: a deposição de Ben Ali na Tunísia, fato que atraiu de vez toda a imprensa internacional para os acontecimentos no Oriente Médio; a morte de Khadafi, e, por fim, a atual situação na Síria, que é o país que mais tem sofrido repressões desde o início das manifestações.

O periódico online [Globo.com](http://Globo.com) registra<sup>2</sup> 1700 resultados para a busca filtrada de “Primavera Árabe”, sendo que a mais antiga é uma matéria veiculada pela Globo News, em 27/02/2011, dois meses após o início dos conflitos no Norte da África.

Entretanto, ao mudar o filtro de busca para “Revolta Árabe” esse número sobe para 2985 resultados, incluindo os cinco sites do grupo, mas na sua grande maioria (2935 resultados) as notícias advêm do portal [www.g1.com.br](http://www.g1.com.br).

---

<sup>2</sup> Dados referentes ao dia 17 de março de 2012.

Isso se justifica, pois os conflitos iniciados na Tunísia em dezembro de 2010, só ficaram convencionados como “Primavera Árabe” pela imprensa internacional (e, por conseguinte, para a brasileira) a partir de fevereiro de 2011. O termo “primavera” se justifica especialmente pela grande esperança de mudanças políticas e sociais na região.

No site Folha.com, foram encontrados<sup>3</sup> 482 resultados para a pesquisa com as palavras-chave “Primavera Árabe”, sendo que o site desconsidera as publicações de outros veículos do grupo, como o jornal Folha de São Paulo, que possui uma área restrita para assinantes. O site ainda possui uma página especial intitulada “Onda de revoltas”, que sintetiza em um só lugar as principais notícias sobre os conflitos<sup>4</sup> na região.

Já o portal Estadão.com apontou 2451 registros para a busca “Primavera Árabe”<sup>5</sup>, sendo que os mesmos se encontram divididos nas editorias: Internacional (2169), Geral (84), Economia (34), TV Estadão (34), Opinião (30), Suplementos (26), Arte & Lazer (22). Assim como a Folha.com, o site Estadão.com também apresenta uma página especial sobre os principais acontecimentos da Primavera Árabe.<sup>6</sup>

#### **14 de janeiro de 2011 – Ben Ali é deposto do governo tunisiano**

No dia 14 de janeiro, às 07h32, a Folha.com divulga a primeira notícia sobre as manifestações que estavam ocorrendo na capital da Tunísia contra o ditador Ben Ali. Com o título **“Manifestantes marcham no centro da capital da Tunísia contra ditador”**<sup>7</sup>, a matéria foi produzida a partir de informações de agências de notícias.

Durante todo o dia, o site ainda publica seis atualizações sobre o andamento das manifestações em Túnis e às 19h04 divulga uma matéria intitulada **“Ditador Bem Ali deixa poder após 23 anos; saiba mais sobre a Tunísia”**<sup>8</sup>, sem informar o autor.

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2011/ondaderevoltas/>. Acesso em 27/03/2012.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Disponível no endereço: <http://temas.estadao.com.br/primavera-arabe>.

<sup>7</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/860398-manifestantes-marcham-no-centro-da-capital-da-tunisia-contraditador.shtml>. Acesso em 25/03/2012.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/860847-ditador-ben-ali-deixa-poder-apos-23-anos-saiba-mais-sobre-a-tunisia.shtml>. Acesso em 25/03/2012.

A matéria, de três parágrafos, relata apenas o fato que o premiê da Tunísia, Mohamed Ghannouchi, disse na TV estatal que assumiria o governo do país, pois o ditador Ben Ali estaria "temporariamente impossibilitado" de continuar no comando. O site ainda cita rumores de que o ex-presidente teria deixado o país.

A matéria é enxuta, com poucas informações, o que provavelmente é fruto da ansiedade típica de jornais online, de tentar divulgar um fato de maneira mais rápida, sem se preocupar com o aprofundamento da notícia.

Também é preciso considerar que provavelmente essa informação seja advinda de agências de notícia, já que o site não tinha nenhum repórter no local dos acontecimentos, o que também explicaria a falta de dados mais completos sobre o fato que trouxe definitivamente a atenção do mundo para a região.

Seja pela falta de informações mais detalhadas ou pela ânsia em tentar divulgar primeiro o fato, o site mostra uma singela preocupação em tentar contextualizar a Tunísia para o leitor, com informações básicas sobre o país, como localização, capital, área, população e o PIB do país.

O site ainda reproduziu a matéria da BBC Brasil, **“Entenda a crise na Tunísia”**<sup>9</sup>, uma sequência de perguntas e respostas que visavam explicar as principais causas geradoras do conflito, como o desemprego que atingia principalmente os jovens, a frustração da população com a elite dominante e a ausência de liberdades políticas, além de citar que a autoimolação do jovem Bouazizi foi o que deu início aos protestos.

Na última matéria do dia sobre o assunto, publicada às 21h12, a Folha.com divulga que “Em nota, governo brasileiro lamenta incidentes na Tunísia e pede diálogo”. Na reportagem, a nota oficial do governo brasileiro sobre o assunto foi usada pelo site como um gancho para dar mais informações, que na primeira reportagem sobre o assunto do dia, eles não conseguiram fornecer.

Depois de divulgar alguns trechos do comunicado brasileiro, como o desejo de que a Tunísia pudesse “retornar, o mais breve possível, à calma e à estabilidade”, a Folha.com sintetiza os fatos ocorridos até a queda do ditador Ben Ali e faz um resumo da história política do país desde 1956, quando deixou de ser uma colônia francesa.

---

<sup>9</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/860875-entenda-a-crise-na-tunisia.shtml>. Acesso em 25/03/2012.



Nesse texto, já é possível perceber a preocupação na contextualização do leitor não apenas sobre os recentes acontecimentos no país, como também em fornecer alguns elementos para que o leitor pudesse compreender melhor o contexto político tunisiano.

Com informações da Associated Press, o site Estadão.com divulga a primeira matéria sobre as manifestações em Túnis às 08h53 “**Manifestantes pedem renúncia do presidente da Tunísia**”<sup>10</sup> é uma matéria bem objetiva, que basicamente informa aos leitores que os manifestantes pedem a saída de Ben Ali, mesmo após as promessas de mudanças políticas e econômicas no país.

O Estadão.com é o primeiro dos sites analisados a divulgar a queda do ditador Ben Ali. Na matéria “**Presidente da Tunísia deixa o país e primeiro-ministro assume governo**”<sup>11</sup>, o site traz informações de agências de notícia, da BBC e da TV Al-Jazeera e, além de relatar a queda do ex-presidente e informar que o primeiro ministro Ghannouchi assumiria o poder do país, ainda fornece informações diferenciadas, como as que explica o estado nacional de emergência e expõe opiniões de tunisianos de diferentes cargos e ideologias.

Nessa matéria é possível visualizar que o veículo, mais do que informar sobre os acontecimentos e contextualizar o leitor, buscou personagens que relatassem suas visões sobre o conflito, o que tende a dar mais credibilidade para a reportagem, já que, teoricamente, não é apenas a visão do jornal que está em evidência.

No mesmo dia, o Globo.com divulgou dezenas de atualizações sobre a situação na Tunísia. Entretanto, diferente dos portais já citados, na maior parte das vezes o site não se preocupou em contextualizar os acontecimentos, apenas divulgava uma nota de um parágrafo advinda de alguma agência de notícias internacional.

É fato que, como nos outros sites, o portal oferece vários links para “notícias relacionadas”, mas ainda assim poderia ter um cuidado maior na veiculação das informações.

---

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,manifestantes-pedem-renuncia-do-presidente-da-tunisia,666091,0.htm>. Acesso em: 25/03/2012.

<sup>11</sup> Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,presidente-da-tunisia-deixa-o-pais-e-primeiro-ministro-assume-governo,666197,0.htm>. Acesso em: 25/03/2012.

Assim como a Folha.com, o site Globo.com também publicou a matéria da BBC, “Entenda a crise na Tunísia”<sup>12</sup>, mas durante poucas vezes é possível encontrar alguma matéria que tenha sofrido interferência da redação do Globo.com, como é o exemplo da notícia intitulada **“Presidente da Tunísia cai, deixa o país, e premiê assume interinamente”**<sup>13</sup>, que o site contextualiza os acontecimentos e busca trazer diferenciais à matéria, como a opinião de lideranças mundiais, como o presidente Sarkozy, o Itamaraty e a Casa Branca.

## **20 de outubro de 2011 –Khadafi é assassinado por rebeldes líbios**

Assim como aconteceu na deposição de Ben Ali do governo da Tunísia, o assassinato de Khadafi gerou dezenas de atualizações no site Globo.com. Como já explicado anteriormente, o site faz buscas em mais de um veículo de comunicação do grupo, mas está sendo considerando o que foi publicado no portal G1.

A primeira notícia que especulava a morte do ditador da Líbia foi publicada no Globo.com às 12h03 e foi replicada da BBC Brasil, que tinha uma correspondente em Trípoli. Em **“Rebeldes líbios dizem que Khadafi foi morto”**<sup>14</sup>, fala-se que “informações sobre uma suposta captura de Khadafi começaram a surgir na manhã desta quinta-feira”, mas pondera que não havia confirmação oficial sobre a morte do ex-ditador.

A reportagem do G1 fez a primeira matéria sobre o assunto às 14h07, intitulada **“Líbios festejam morte de Kadhafi na embaixada em Brasília”**<sup>15</sup> e traz opiniões de conselheiros da embaixada e fotos exclusivas sobre a queima de cartazes de Kadhafi no quintal da embaixada.

No site Folha.com, quatro matérias foram encontradas com o filtro “Kadhafi” no dia 20/10/2011. Com os títulos **“Assassinato de Gaddafi é "desrespeito à vida", diz**

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/01/entenda-a-crise-na-tunisia.html>. Acesso em 25/03/2012.

<sup>13</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/01/presidente-da-tunisia-deixa-o-pais-e-premie-diz-que-assume-interinamente.html>. Acesso em 25/03/2012.

<sup>14</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/rebeldes-libios-dizem-que-khadafi-foi-morto.html>. Acesso em 25/03/2012.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2011/10/libios-festejam-morte-de-khadafi-na-embaixada-em-brasil.html>. Acesso em 25/03/2012.

Chávez”<sup>16</sup>, “Morte de Gaddafi encerra "reino do medo" na Líbia, diz chefe da Otan”<sup>17</sup>, “Kadafi, Khadafi e Gaddafi espalham morte de ex-ditador no Twitter”<sup>18</sup> e “Gaddafi é capturado e morto na Líbia; veja cronologia do regime”<sup>19</sup> o jornal online traz informações muito mais precisas e acrescentam mais informações em um número bem reduzido de matérias, se comparado ao Globo.com.

Mesmo trazendo assuntos mais relevantes para o público e de forma mais concisa, três das quatro reportagens do dia foram réplicas de matérias de agências de notícias ou foram produzidas a partir de informação das mesmas. Só na editoria “Última das Redes Sociais” havia informações da redação da Folha.com que diz “a prisão e morte do ex-ditador da Líbia em "Sirte" foi um dos assuntos mais comentados no Twitter”.

Já o portal Estadão.com também apresenta várias notícias sobre a morte do ditador no dia 20 de outubro de 2011, sendo que a primeira também é a mesma que o Globo.com havia reproduzido da BBC Brasil, inclusive no mesmo horário (12h03).

## 27 de março de 2012 – Situação atual da Síria

A Síria é o país que mais tem sofrido com as repressões do governo de Assad aos manifestantes, em mais de um ano de protestos. A ONU divulgou no dia 27 de março de 2012 que mais de 9 mil pessoas já tinham morrido no país a partir dos conflitos.

O jornal Estadão.com divulgou uma matéria produzida pela agência espanhola EFE, nomeada “**ONU afirma que o número de mortos na Síria ultrapassa 9 mil**”<sup>20</sup>. Além de relatar o número de mortes geradas a partir do início das manifestações, a notícia afirma que o governo de Assad teria aceitado o plano do enviado especial da ONU, Koffi Annan, que, segundo a matéria, propõe o “fim das hostilidades sob supervisão da ONU, a libertação dos detidos nos protestos antigovernamentais e o envio

---

<sup>16</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/994117-assassinato-de-gaddafi-e-desrespeito-a-vida-diz-chavez.shtml>. Acesso em: 25/03/2012.

<sup>17</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/993978-morte-de-gaddafi-encerra-reino-do-medo-na-libia-diz-chefe-da-otan.shtml>. Acesso em 25/03/2012.

<sup>18</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/ultimasdasredessociais/993862-kadafi-khadafi-e-gaddafi-espalham-morte-de-ex-ditador-no-twitter.shtml>. Acesso em 25/03/2011.

<sup>19</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/993801-gaddafi-e-capturado-e-morto-na-libia-veja-cronologia-do-regime.shtml>. Acesso em 25/03/2012.

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,onu-afirma-que-o-numero-de-mortos-na-siria-ultrapassa-9-mil,853999,0.htm>. Acesso em 27/03/2012.

de ajuda humanitária, mas não solicita mudanças no regime, assinalando que é decisão do povo sírio manter Assad no poder”.

O site ainda publicou uma notícia da agência americana Reuters, com o título **“ONU eleva para 9 mil número de civis mortos na Síria”**<sup>21</sup>, a mesma que foi replicada pelo site Globo.com.

Essa matéria é ainda mais sintetizada que a anterior, e apenas traz a informação divulgada pelo o coordenador especial da ONU para o processo de paz no Oriente Médio, Robert Serry, sem contextualizar sobre os últimos acontecimentos nem fazer uma releitura a partir da redação dos dois sites. Apenas foi replicada a matéria.

Já a Folha.com escolheu a France Press para dar a mesma notícia. Em **“Violência na Síria deixou mais de 9.000 mortos”**<sup>22</sup>, a matéria traz alguns trechos da fala de Serry e também menciona o plano de paz de seis pontos proposto por Kofi Annan, sem dar mais detalhes sobre o que consistia o plano.

A única novidade em relação aos outros sites está na foto publicada junto à matéria, de um menino em meio a carros incinerados após um ataque das forças sírias em Idlib, mas que também foi comprada da agência Associated Press.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,onu-eleva-para-9-mil-numero-de-civis-mortos-na-siria,854001,0.htm> e <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/03/onu-eleva-para-9-mil-numero-de-civis-mortos-na-siria-1.html>. Acesso em: 27/03/2012.

<sup>22</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1067858-violencia-na-siria-deixou-mais-de-9000-mortos.shtml>. Acesso em 27/03/2012.

## 6. CONCLUSÃO

É fato que a dinâmica internacional contemporânea é movida por uma série de atores não-estatais que influenciam, constroem e até mesmo substituem os Estados na hora da tomada de decisões de cunho internacional.

A mídia já provou que é um importante agente internacional, que tem ganhado cada vez mais espaço na vida das sociedades no mundo todo, principalmente após a ascensão das novas mídias e tecnologias.

Entretanto, a partir desse trabalho, pode-se perceber que, apesar do enorme potencial de propagação de informação, a mídia brasileira ainda carece de profissionais mais especializados para tratar de assuntos internacionais e de mais investimentos dos veículos de comunicação nessa área.

Seja pela convenção de que os brasileiros, em geral, não se interessam por política externa, ou, no caso específico do objeto estudado, pela constatação de que o Norte da África e o Oriente Médio não são regiões de interesse prioritário para o Brasil, o fato é que não há grandes investimentos em matérias internacionais nos sites analisados e isso pode ser percebido pelo uso majoritário de informações das agências de notícias internacionais.

A maioria dos textos avaliados tinha como fonte principal de informação essas agências de notícia, quando simplesmente não reproduziram as matérias das mesmas, sem a preocupação de lapidar a notícia para que ele ficasse com a linha editorial do site.

A não ser por uma matéria do Globo.com que tinha informações da TV Al-Jazeera, sediada no Qatar, todas as outras avaliadas eram réplicas perfeitas ou tinham como fonte a visão ocidentalizada sobre os conflitos, gerando uma uniformidade das informações e prejudicando a apuração do senso crítico do leitor.

Camargo (2008) acredita que a proliferação das novas mídias nos países periféricos deveria equilibrar o desigual cenário global da informação, mas essas

ferramentas ainda são incapazes de competir com a estrutura dos grandes monopólios da comunicação, advindos especialmente da mídia anglo-americana.

Quanto ao papel desempenhado pelas agências internacionais de notícia, Boyd-Barret (*apud* Camargo, 2008: 142) aponta que o incrível desenvolvimento das mesmas “faz com que elas atuem como *agenda setting*<sup>23</sup> do cenário internacional e, assim contribuam para a homogeneização das matérias jornalísticas sobre o mundo e, também para a falta de pluralidade de enfoque nas informações passadas”.

O conjunto desses fatores, que podem ser verificados nas matérias analisadas, faz com que a mídia perca uma de suas principais bases, que é o princípio de isonomia, o qual prega a necessidade não privilegiar nenhum dos lados de um fato.

Devido à simples propagação de “um discurso monofônico e despersonalizado sobre os acontecimentos internacionais” (CAMARGO, 2008: 142) a mídia brasileira abdica de poder exercer os diferentes níveis de influência proposto por Gilboa e já comentado anteriormente nesse trabalho.

Não há como exercer os papéis de ator controlador, constrangedor, interventor ou instrumental, se mal se produz informações sobre os acontecimentos ao redor do mundo, já que esses sites apenas têm replicado matérias compradas de agências de notícia.

Com isso, além da constatação de uma presença tendenciosa de informações na divulgação dos acontecimentos da Primavera Árabe, que podem influenciar a maneira do público pensar e opinar sobre o assunto, o leitor desses sites ainda está sujeito à seleção que essas agências internacionais de notícia fazem do que deve ou não ser divulgado.

Isso é nítido pela queda considerável de notícias sobre a Tunísia e o Egito, por exemplo, que tiveram seus ditadores derrubados pela onda de revoltas, mas pouco se é

---

<sup>23</sup> A hipótese do agenda setting, ou agendamento é um efeito social da mídia que compreende a seleção, disposição e incidência de notícias sobre os temas que o público falará e discutirá. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html>. Acesso em 24/03/2012.

divulgado sobre o que vem ocorrendo nesses países pós- Primavera Árabe. Portanto, acredita-se que a mídia brasileira ainda tem muito a se desenvolver para que consiga fazer jus ao influente papel que possui os atores internacionais não-estatais.

## 7. BIBLIOGRAFIA

\_\_\_\_\_. Retrospectiva 2011: Primavera Árabe. Disponível em: <http://globo.com/globocom/g1/v/retrospectiva-2011-primavera-arabe/1742572/>.

Acesso em 17/03/2012

ALBRECHT, Holger e SCHLUMBERGER, Oliver. "**Waitingfor Godot**": Regime Change Without Democratization in the Middle East. 2004. Disponível em: [https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=explorer&chrome=true&srcid=0B7pGViIw1GoPZmY0MjUwYWYtZWZhZS00OGEwLThhN2YtNTI2ZjlkNDljOTgz&hl=en\\_US](https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=explorer&chrome=true&srcid=0B7pGViIw1GoPZmY0MjUwYWYtZWZhZS00OGEwLThhN2YtNTI2ZjlkNDljOTgz&hl=en_US)

Acesso em: 05/11/11

BRUM, Juliana. **A Hipótese do Agenda Setting**: Estudos e Perspectivas. 2003. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html>. Acesso em 24/03/2012.

CAMARGO, Julia Faria. "**O papel dos atores domésticos no processo de tomada de decisão em política externa**: Uma análise da mídia". 2007. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/70951870/camargo-1>. Último acesso: 23/03/2011.

CAMARGO, Julia Faria. **Ecos do Frigor: A invasão do Iraque em 2003**. A mídia internacional e a imprensa brasileira. Dissertação (Mestrado em História das Relações Internacionais). UnB, 2008.

CARVALHO, Vânia Pinto. **La ola de movimientos pro democracia en Medio Oriente**: análisis preliminar de las consecuencias políticas para la región del Golfo Pérsico. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=explorer&chrome=true&srcid=0B7pGViIw1GoPMGE0NDlhNjYtNmRkNC00OTU2LTk2ZWVtMTc5YzQ2M2JjMGIw&hl=en> .

Acesso em: 29/02/2012.



CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venancio Majer. 6ª edição. São Paulo: Paz e terra, 2009.

FRANCO, Simone Almeida. **Mídia e Relações Internacionais**: Suas interações na era da informação. Monografia (Especialização em Relações Internacionais). Universidade de Brasília, 2011.

GILBOA, Eyatan. Global Communication and Foreign Policy. 2002. Disponível em: <http://ics-www.leeds.ac.uk/papers/pmt/exhibits/1173/gilboa.pdf>. Acesso em 20/03/2012.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público**. São Paulo: Futura, 2003.

OLIVEIRA, Rafael Santos de. **A mídia como ator emergente das relações Internacionais**: seu protagonismo no uso do *soft power* frente aos desafios das mudanças climáticas. Florianópolis, 2010.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Disponível em: <http://www.manovich.net/LNM/Manovich.pdf>. Último acesso: 26/03/2011.

MARINUCCI, Raquel Boing. **Relações internacionais e mídia**. Univ. Rel. Int., Brasília, v. 6, n. 1, p. 43-52, jan./jun. 2008.

MARQUES, Guilherme Bez. **Velhos e novos atores**: as relações internacionais de Vestfália ao século XXI. IOS GENTIUM - Revista virtual. Teoria e Comércio no Direito internacional, 2008.

MATTELART, Armand. **Comunicação-mundo**: história das idéias e das estratégias. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1994.

MESSARI, Nizar. O Brasil e o Mundo Árabe. LESSA, Antônio Carlos; ALTEMANI, Henrique (Org.). **Relações Internacionais do Brasil** (temas e agendas). São Paulo: Saraiva, 2006.

MORAES, Dênis (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

NINIO, Marcelo. O que matem Assad no poder? Fevereiro de 2012. Disponível em <http://marceloninio.blogfolha.uol.com.br/>. Acesso em 08 de março de 2012.

PAPISCA, Antonio. Introduzione allo Studio delle Relazioni Internazionali. Torino: Giappichelli Editore, 1973.

PUDDEPHATT, Andrew. **As Revoluções árabes e a comunicação digital**. Revista de Política Externa (vol. 20. Jun/Jul/Ago 2011)

SOHR, Raúl. **O amanhecer de uma primavera árabe**. Disponível em: [http://www.miradaglobal.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1677:el-despunte-de-una-primavera-arabe&catid=27:politica&Itemid=74&lang=pt](http://www.miradaglobal.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1677:el-despunte-de-una-primavera-arabe&catid=27:politica&Itemid=74&lang=pt) . Acesso em: 29/02/2012

# ANEXO

14/01/2011 - 19h04

## **Ditador Ben Ali deixa poder após 23 anos; saiba mais sobre a Tunísia**

DE SÃO PAULO

Violentos protestos contra o governo derrubaram o ditador Zine El Abidine Ben Ali, 74, que estava há 23 anos à frente do poder na Tunísia. Milhares de pessoas saíram às ruas de Túnis devido à crescente insatisfação com o alto índice de desemprego no país e as denúncias de corrupção.

O premiê da Tunísia, Mohamed Ghannouchi, anunciou que assumirá o comando do país porque o ditador Ben Ali estaria "temporariamente impossibilitado" de se manter à frente do governo. Há rumores de que Ben Ali, 74, tenha deixado o país.

"Já que o presidente está temporariamente impedido de exercer suas tarefas de governo, foi decidido que o premiê irá assumi-las temporariamente", disse na TV estatal.

Fethi Belaid/AFP



Forças de segurança interrompem o tráfego de avenida da capital Túnis durante confronto com manifestantes

## Saiba mais sobre a Tunísia:

**Nome:** República da Tunísia

**Localização:** Norte da África

Editoria de Arte / Folhapress/Editoria de Arte /  
Folhapress



**Capital:** Túnis

**Área:** 163.610 km<sup>2</sup>

**Principais cidades:** Túnis, Sfax, Nabeul

**Línguas:** árabe e francês

**Moeda:** dinar da Tunísia

**Natureza do Estado:** república presidencialista

**População:** 10.589.025 (julho de 2010)

**Religião:** Muçulmanos (98%), cristãos (1%), judeus e outros (1%)

**Independência:** 20 de março de 1956

**PIB:** US\$ 100,3 bilhões (estimativa de 2010)

**Renda "per capita" anual:** US\$ 9.500 (estimativa de 2010)

**População abaixo da linha da pobreza:** 3,8% (2005)

**Alfabetização:** 74,3%

14/01/2011 - 20h02

## Entenda a crise na Tunísia

DA BBC Brasil

A Tunísia vem sendo palco de protestos desde dezembro

O presidente da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali, deixou o poder após semanas de manifestações populares contra o governo.

Até recentemente o país, famoso como destino turístico, era visto como um exemplo de estabilidade e relativa prosperidade no mundo árabe, embora governado com mão de ferro por Ben Ali desde 1987.

Ainda não está claro que efeitos que os desdobramentos no país - que fica numa região em que vários países são governados pelos mesmos líderes há anos em regimes considerados pouco democráticos - poderão ter sobre outras nações árabes.

A BBC preparou uma série de perguntas e respostas para ajudar você a entender as mudanças na Tunísia.

### **O que gerou os protestos?**

O gesto desesperado de um jovem, no dia 17 de dezembro, deflagrou uma onda de protestos e choques entre manifestantes e a polícia.

Mohamed Bouazizi ateou fogo em si mesmo na cidade de Sidi Bouzid (centro do país) quando policiais impediram que ele vendesse vegetais em uma banca de rua sem permissão.

O ocorrido gerou uma onda de protestos contra o desemprego na região, que baseia sua economia na agricultura e é uma das mais pobres do país.

Os protestos se espalharam então para outras partes da Tunísia. O governo acusou a oposição de explorar o incidente.

Mas a resposta violenta das autoridades, com a polícia disparando munição verdadeira contra os manifestantes, parece ter dado mais força aos manifestantes.

O protesto também é considerado uma reflexo da frustração da população com a elite dominante e a ausência de liberdades políticas.

O governo diz que 23 pessoas morreram desde o início dos protestos, mas a oposição diz que o número de mortos supera 60.

### **Os protestos eram esperados?**

Não, eles parecem ter surpreendido a todos, inclusive o governo.

Parece ter ocorrido uma ruptura do acordo velado existente desde que Ben Ali tomou o poder em 1987.

Em troca de um progresso econômico lento, porém contínuo, a maioria dos tunisianos teria aceito a restrição das liberdades políticas, um Estado policial e uma elite frequentemente acusada de corrupta.

Para investidores estrangeiros, o país seria um local seguro para investimentos e fonte de mão-de-obra barata.

Mas o modelo parece ter fracassado ou se provado insustentável a longo prazo.

Uma grande quantidade de formados em universidades que não conseguem emprego, há frustração com a falta de liberdades políticas, os excessos da classe dominante e a violência policial. Tudo isso parece ter intensificado a revolta popular.

### **Como foram os últimos dias do governo de Ben Ali?**

O presidente Ben Ali inicialmente negou que a polícia tenha reagido com força exagerada, afirmando que ela protegia interesses públicos contra um pequeno número de "terroristas".

Todas as universidades e escolas foram fechadas em uma tentativa de manter os jovens em casa, esvaziando os protestos.

Mas o presidente pareceu ter mudado de estratégia e, gradualmente, seu regime sucumbiu frente aos olhos do mundo.

Em 12 de janeiro ele demitiu seu ministro do Interior e ordenou a liberação de todos os detidos durante os protestos. Ele também criou um comitê especial para investigar a corrupção.

Foi feita ainda a promessa de atacar a raiz do problema do desemprego, com a criação de 300 mil empregos.

Mas os protestos continuaram e chegaram ao centro da capital em 13 de janeiro, apesar de um toque de recolher.

Ben Ali prometeu então combater a alta de preço dos alimentos, permitir a liberdade de imprensa e internet e "aprofundar a democracia e revitalizar o pluralismo".

Ele também disse que não mudaria a constituição para permitir a própria reeleição em 2014.



No dia seguinte, Ben Ali anunciou a dissolução do governo e convocou eleições parlamentares dentro de seis meses, antes de declarar um estado de emergência.

O toque de recolher entre 18h e 06h foi ampliado a todo o país, proibidas aglomerações de mais de três pessoas e as Forças de Segurança receberam permissão para atirar em qualquer um que desobedecesse suas ordens.

Finalmente, ele anunciou que sairia "temporariamente" do cargo de presidente e depois teria deixado o país.

### **O que acontece agora?**

O premiê Mohammed Ghannouchi disse que respeitaria a constituição, mas não está claro se a medida será o bastante para satisfazer os manifestantes.

Também não está claro que efeito que as mudanças na Tunísia terão sobre o mundo árabe como um todo.

Muitos dos países árabes são governados há anos pelos mesmos líderes em regimes que muitos não consideram verdadeiramente democráticos. É o caso do Egito e da Líbia, dois países do norte africano, como a Tunísia.

### **A Tunísia está perigosa para turistas?**

O espaço aéreo tunisiano foi fechado, mas não se sabe quanto tempo a medida vai ficar em vigor.

Não há relatos de ataques contra turistas e a maior parte da violência ocorreu longe dos balneários freqüentados por estrangeiros.

Mas empresas turísticas cancelaram algumas de suas operações no país

14/01/2011 - 21h12

## Em nota, governo brasileiro lamenta incidentes na Tunísia e pede diálogo

DE SÃO PAULO

O governo brasileiro divulgou uma nota oficial nesta sexta-feira dizendo que acompanha "com preocupação" os incidentes em curso na Tunísia e "lamenta profundamente" as mortes ocorridas.

No comunicado, o Brasil diz ainda que espera que "prevaleça o diálogo", dentro da ordem constitucional, e manifesta o desejo de que a Tunísia possa "retornar, o mais breve possível, à calma e à estabilidade".

Christophe Ena/AP



Manifestantes correm nas ruas enquanto polícia lança gás lacrimogêneo; após protestos, ditador deixa poder

Violentos protestos contra o governo derrubaram nesta sexta-feira o ditador Zine El Abidine Ben Ali, 74, que estava há 23 anos à frente do poder na Tunísia. Milhares de pessoas saíram às ruas de Túnis devido à crescente insatisfação com o alto índice de desemprego no país e as denúncias de corrupção.

Após semanas de manifestações, o ditador deixou o país --segundo fontes não-identificadas do governo-- e o premiê Mohammed Ghannouchi anunciou na TV que irá assumir interinamente o poder. O destino de Ben Ali não foi oficialmente confirmado.

"Já que o presidente está temporariamente impedido de exercer suas tarefas de governo, foi decidido que o premiê irá assumi-las temporariamente", disse Ghannouchi na TV estatal. "Eu prometo respeitar a Constituição, trabalhar pela reforma econômica e social e consultar todos os lados", acrescentou.

O ditador havia tentado, sem sucesso, conter a revolta da população nas ruas, declarando estado de emergência e toque de recolher nesta sexta-feira. Ele também havia prometido dissolver o governo, convocar eleições antecipadas e não se candidatar à reeleição em 2014.



Colônia francesa até 1956, a Tunísia foi governada por Habib Bourguiba até 1987, quando Ben Ali tomou o poder em um golpe de Estado. Embora jamais tenha sido uma democracia, o país do norte da África ostenta uma forte economia, tem um dos melhores índices de desenvolvimento humano do continente e é visto como uma das nações mais seculares do mundo árabe.

Ben Ali derrubou Bourguiba alegando que ele era "incompetente" e havia se tornado "muito velho, senil e doente" para governar. Ele prometeu que, durante seu mandato, "abriria os horizontes para uma verdadeira democracia". No entanto, após um breve período de reformas, a evolução política do país estagnou.

Sob o governo do ditador, grande parte dos partidos de oposição eram considerados ilegais. De acordo com a Anistia Internacional, autoridades se infiltravam em grupos de defesa dos direitos humanos e perseguiram os dissidentes. O grupo Repórteres sem Fronteiras descrevia Ben Ali

como um "predador da imprensa", que controlava a mídia com mão de ferro.

Em várias ocasiões, ele venceu as eleições no país com base em resultados suspeitos: em 2009, ele foi reeleito para seu 5º mandato com 89% dos votos. Antes disso, ele havia alertado opositores que enfrentariam retaliações legais caso questionassem a legalidade da votação.

20/10/2011 - 15h57

## **Kadafi, Khadafi e Gaddafi espalham morte de ex-ditador no Twitter**

DE SÃO PAULO

"[Kadafi](#)", "Khadafi" ou "Gaddafi"? Independentemente da grafia, a [prisão e morte do ex-ditador da Líbia](#) em "Sirte" foi um dos assuntos mais comentados no Twitter.

No **mundo** houve piadas com "Saddam Hussein" e "Osama Bin Laden". Ambos são, assim como Gaddafi, líderes políticos perseguidos e mortos com a ajuda dos EUA.

Reprodução



Muammar Gaddafi morto, em reprodução da AL Jazeera

27/03/2012 - 12h43

## Violência na Síria deixou mais de 9.000 mortos

DA FRANCE PRESSE, EM NOVA YORK



As Nações Unidas anunciaram nesta terça-feira que mais de 9.000 pessoas foram mortas na Síria desde o início da revolta contra o regime do presidente Bashar Assad.

"A violência não diminuiu", declarou ao Conselho de Segurança Robert Serry, enviado da ONU ao Oriente Médio.

Segundo Robert Serry, enviado especial da ONU para a paz no Oriente Médio, estimativas "críveis" indicam mais de 9.000 mortos.

"É urgente deter os combates e evitar uma escalada de violência no conflito", acrescentou.

O novo registro da ONU foi divulgado depois de o enviado da ONU e da Liga Árabe, Kofi Annan, ter anunciado que o presidente sírio, Bashar al-Assad, havia aceitado um plano de paz de seis pontos, que inclui um compromisso de por fim a todo tipo de violência.

No entanto, ativistas dos direitos humanos denunciaram novos assassinatos na Síria nesta terça.

A ONG Observatório Sírio dos Direitos Humanos contabiliza, por sua vez, 9.734 pessoas mortas, sendo 7.056 civis e 2.678 soldados das tropas do regime.

Associated Press



Garoto ao lado de carro danificado após ataque das forças sírias na cidade de Idlib

# Presidente da Tunísia deixa o país e primeiro-ministro assume governo

Ben Ali já havia decretado estado de emergência e dissolvido governo em meio a protestos

14 de janeiro de 2011 | 13h 33  
estadão.com.br



*Atualizado às 16h10*

TÚNIS - O presidente da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali, abandonou nesta sexta-feira, 14, a Tunísia devido ao aumento dos

distúrbios, informou a rede de televisão *Al-Jazeera*. Funcionários do governo confirmaram a informação à agência de notícias AFP.

### **Veja também:**

■ **Gustavo Chacra: Por que os tunisianos conseguiram e os iranianos não**

■ **Protestos na Tunísia**

- **Oposição pede formação de governo provisório**

O primeiro ministro Mohammed Ghannouchi disse em pronunciamento feito na televisão estatal que ele assumiu o poder no país. Mais cedo, a *Al-Jazeera* havia divulgado que o Exército havia tomado o controle do país.

O presidente já havia decretado estado de emergência nesta sexta por conta dos protestos que tomaram conta do país depois do anúncio de que o governo seria dissolvido e eleições seriam convocadas antecipadamente.

O estado nacional de emergência proíbe reuniões públicas e autoriza as forças de segurança a atirar contra qualquer um que se recuse a obedecer suas ordens. O espaço aéreo tunisiano também foi fechado.

Tiros foram ouvidos nas ruas de Túnis nesta sexta. O presidente havia pedido, na quinta-feira, que as forças de segurança usassem munição não-letal na repressão de protestos violentos, mas há relatos de mortes entre manifestantes mesmo assim.

### **Protestos**

Os tunisianos foram às ruas nos últimos dias para protestas contra a inflação, o desemprego, a corrupção e para pedir maior abertura política. Nesta sexta, a polícia teria disparado bombas de gás lacrimogêneo contra a multidão. A cifra oficial de mortos é de 23, mas a oposição afirma que o total é bem maior.

Na quinta-feira, Ben Ali disse que deixaria o poder em 2014. Ele está no poder desde 1987 e é apenas o segundo presidente da história do país africano, que ficou independente em 1956. O primeiro, Habib Bourguiba, dominou o país por 31 anos.



O chefe do opositor Fórum Democrático para o Trabalho e Liberdades, Mustapha Ben Jaafar, afirmou que o discurso do presidente da quinta-feira "abre possibilidades". Por outro lado, o ativista defensor dos direitos humanos Mohamed Abbou afirmou que acredita que o presidente Ben Ali está "enganando os tunisianos com promessas que não tem futuro".

Milhares de manifestantes marcharam por Túnis para exigir a renúncia de Ben Ali. Eles gritam frases como "Fora Ben Ali" e "Ben Ali, assassino!". Por causa dos distúrbios, milhares de turistas estão sendo retirados do país, localizado no norte da África.

O embaixador da Tunísia na Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) renunciou em razão dos violentos distúrbios. Mezri Haddad disse à televisão francesa BFM que estava renunciando ao cargo porque não quer contribuir para algo que "é o oposto das minhas convicções e da minha consciência".

*Com informações da BBC.*

## ONU afirma que o número de mortos na Síria ultrapassa 9 mil

Governo sírio aceitou o plano de Annan depois que este se reuniu em Moscou com o presidente russo

27 de março de 2012 | 12h 44

Efe

NAÇÕES UNIDAS - O número de mortos no conflito na Síria desde que começaram os protestos contra o regime de Bashar al-Assad há mais de

um ano supera os nove mil, disse nesta terça-feira, 27, o coordenador da ONU para o Oriente Médio, Robert Serry.

**Veja também:**

■ **MAPA: A revolta que abalou o Oriente Médio**

▣ **OLHAR SOBRE O MUNDO: Imagens da revolução**

▤ **ESPECIAL: Um ano de Primavera Árabe**

Serry, que informou sobre a situação no Oriente Médio ao Conselho de Segurança da ONU, encorajou o governo sírio a dar "passos imediatos" depois que Assad aceitou os seis pontos propostos pelo enviado especial das Nações Unidas e da Liga Árabe ao país árabe, Kofi Annan.

"O governo sírio deve atuar de acordo com seus compromissos e demonstrar ao povo que está pronto para o fim da violência e o início de um diálogo político", afirmou Serry.

O funcionário da ONU ressaltou que neste momento é "urgente" deter os combates e evitar "um maior agravamento do conflito", e por isso convidou às autoridades sírias a avançar em sua colaboração com Annan.

O plano de Annan pede o fim das hostilidades sob supervisão da ONU, a libertação dos detidos nos protestos antigovernamentais e o envio de ajuda humanitária, mas não solicita mudanças no regime, assinalando que é decisão do povo sírio manter Assad no poder.

Annan assinalou em comunicado que o sinal verde ao plano por parte do regime sírio é um importante passo que pode levar ao fim da violência e do derramamento de sangue, ajudar os que sofrem e criar uma atmosfera propícia a um diálogo político "que cumpra as aspirações legítimas do povo sírio".

Serry insistiu perante o Conselho de Segurança que neste momento "o apoio de todos os atores locais e internacionais é crucial para garantir a segura aplicação do plano (de Annan) em todos os níveis".

O coordenador das Nações Unidas também destacou a "crucial importância" de garantir o acesso de ajuda e pessoal humanitário ao país para assistir "aos que mais necessitam" e assegurou que a missão

para a qual a Síria convidou à ONU na semana passada foi "insuficiente".

"Essa missão não permitiu o acesso sem impedimentos a todas as organizações humanitárias que a ONU havia pedido, mas o corpo técnico do organismo pôde obter informação crucial que confirma que há uma necessidade enorme de ajuda médica e alimentícia", indicou.

"Estamos preparados para entregar ajuda humanitária imediatamente", acrescentou Serry, detalhando que a subsecretária geral para Assuntos Humanitários, Valerie Amos, segue em contato com Damasco para tentar avançar nesse aspecto.

O governo sírio aceitou o plano de Annan depois que este se reuniu em Moscou com o presidente russo, Dmitri Medvedev, e o ministro de Exteriores, Sergei Lavrov, e no mesmo dia em que viajou à China para se reunir com o primeiro-ministro, Wen Jiabao.

Rússia e China vetaram em duas ocasiões uma resolução de condenação ao regime sírio no Conselho de Segurança, mas aprovaram na semana passada uma declaração presidencial dando o pleno apoio à missão mediadora do ex-secretário geral da ONU.



20/10/2011 12h03 - Atualizado em 20/10/2011 12h03

## **Rebeldes líbios dizem que Khadafi foi morto**

### **Soldados de Conselho Nacional de Transição afirmam terem visto corpo de ex-líder em sua cidade natal, Sirte.**

**BBC**

Fontes do Conselho Nacional de Transição (CNT) afirmaram nesta quinta-feira que o líder deposto da Líbia, Muamar Khadafi, foi morto em sua cidade natal, Sirte.

O ministro da Informação líbio, Mahmoud Shammam, afirmou que seus soldados viram o corpo de Khadafi. A informação, entretanto, ainda não foi confirmada de maneira independente.

Um rebelde líbio disse à BBC ter encontrado Khadafi escondido em um buraco em Sirte. O líder deposto teria pedido a ele para não atirar.

Não há confirmação independente dos relatos.

42 anos

Khadafi foi deposto após 42 anos no poder na Líbia.

A Líbia é o terceiro país árabe, após Tunísia e Egito, a ter seu regime derrubado durante a onda de levantes conhecida como Primavera Árabe.

Informações sobre uma suposta captura de Khadafi começaram a surgir na manhã desta quinta-feira. Havia relatos contraditórios sobre se ele havia sido capturado com vida ou não.

A correspondente da BBC em Trípoli Caroline Hawley disse que ocorrem diversas celebrações na capital do país, com o som de buzinas e o de armas disparando para cima.

Forças do CNT combatiam os últimos bolsões de rebeldes partidários de Khadafi em Sirte nesta quinta-feira.

Reações

Reagindo aos relatos da morte de seu antigo aliado, o primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi, disse que a campanha militar na Líbia teria acabado.

'Sic transit gloria mundi (assim passa a glória do mundo)', disse ele em latim, antes de completar que 'agora a guerra acabou'.

O governo americano disse estar monitorando os relatos da morte de Khadafi.

A Otan confirmou ter alvejado um comboio de simpatizantes de Khadafi que deixavam Sirte, mas não está claro se o líder deposto estava nos veículos.

O Tribunal Penal Internacional queria julgá-lo por acusações de crimes contra a humanidade.

## **Líbios festejam morte de Kadhafi na embaixada em Brasília**

**Embaixada aponta necessidade de Brasil reconhecer novo governo.**

**"Vitória do povo líbio é dedicada à vida dos mártires", disse conselheiro.**

Do G1, em Brasília

9 comentários



**Líbios festejam morte de Kadhafi na embaixada em Brasília (Foto: Reprodução / TV Globo)**

A embaixada da [Líbia](#) no Brasil entrou em festa após o anúncio da morte do ditador Muamar Kadhafi.

Na festa, houve explosão de fogos, música e fogueira. Fotos do ex-ditador eram queimadas no quintal da embaixada. Aos gritos de "Líbia, Líbia, Líbia", crianças vestidas com camisetas que reproduziam a bandeira do país brincavam em volta da fogueira.



**Líbio comemora no telhado da sede da embaixada (Foto: Francisco Aguiar / TV Globo)**

[Kadhafi morreu](#) em um ataque de combatentes líbios nesta quinta-feira (20) próximo à cidade de Sirte, segundo informações do novo governo do país.

"Agora resta a necessidade de o governo brasileiro reconhecer o novo governo íbio", disse Adel Swasy, Conselheiro Financeiro da Embaixada.

O ex-embaixador da Líbia no Brasil, Salem Ezubedy, não estava na embaixada. Ele deixou a embaixada há cerca de um mês porque, de acordo com diplomatas líbios, era "conivente" com o governo de Kadhafi.



**Cartazes de Kadhafi queimados na embaixada líbia em Brasília (Foto: Lucas Cyrino / G1)**

"O ex-embaixador Salem Ezubedy representava Khadafi. Em agosto, ele disse que apoiava o povo rebelde. Era hipocrisia. Nós tentamos convencê-lo a apoiar o povo, mas ele não aceitou. Então, os diplomatas e a comunidade Líbia no Brasil o expulsaram", disse o cônsul Mohamed Nfati.

O novo responsável pela embaixada líbia no país, nomeado há uma semana, é o encarregado de negócios Hussein Tantush. Os diplomatas líbios dizem acreditar que um novo embaixador será enviado em breve.

27/03/2012 12h51 - Atualizado em 27/03/2012 12h51

## **ONU eleva para 9 mil número de civis mortos na Síria**

**Reuters**

NAÇÕES UNIDAS, 27 Mar (Reuters) - A Organização das Nações Unidas afirmou nesta terça-feira que mais de 9 mil civis foram mortos em um ano pela repressão do governo sírio contra as manifestações contrárias ao presidente do país, Bashar al-Assad, um aumento de quase mil vítimas em relação à estimativa anterior.

"Estimativas credíveis colocam o número total de mortos desde o início da revolta há um ano para mais de 9 mil", afirmou o coordenador especial da ONU para o processo de paz no Oriente Médio, Robert Serry, ao Conselho de Segurança formado por 15 nações.

A estimativa anterior da organização apontava para mais de 8 mil civis mortos na repressão.

(Reportagem de Louis Charbonneau e Michelle Nichols)